

# Hoje, a proposta ao Clube de Paris

20 JAN 1987

por Tom Camargo  
de Paris

Dívida Ext.  
GAZETA MERCANTIL

A capacidade brasileira de gerar superávits apreciáveis em sua balança comercial e as relações do País com o Fundo Monetário Internacional (FMI), mais uma apreciação rápida da posição de Brasília diante dos dilemas políticos internos, fizeram parte do primeiro dia de trabalhos dos cerca de quinze países credores que até amanhã deverão decidir sobre o tratamento que darão aos débitos vencidos e a vencer do Brasil com as agências oficiais de financiamento e seguro de exportações.

Na parte da manhã, o chefe da delegação brasileira, embaixador Alvaro Gurgel de Alencar Netto, que é também chefe da Assessoria Internacional do Ministério da Fazenda, discorreu no Clube de Paris durante 40 minutos sobre o que emoldura a proposta de renegociação brasileira, a ser apresentada e debatida na sessão de hoje.

Tanto os credores quanto os participantes da representação brasileira mostraram respeitar o ritual

não escrito do Clube, que pede o máximo de discrição dos negociadores.

Mas foi possível apurar que apareceu com força renovada a nunca abandonada disposição de só discutir o reescalonamento de operações que vencem em 1987 e 1988 a partir de uma composição de interesses do Brasil com o Fundo.

"Não é possível esperar nada muito ortodoxo; este tempo já ficou muito para trás", disse o representante de um país europeu que tem créditos relativamente pequenos em pendência.

"Mas", acrescentou a mesma pessoa, "todos parecem estar concordando com o fato de que o Brasil precisa de algum tipo de supervisão."

Não há sinais concretos sobre a linha que está sendo mantida pelos norte-americanos. Um mês atrás, quando se conseguiu marcar o presente encontro, eles se mostraram reticentes o suficiente para animar um comentário, por parte de um membro da delegação brasileira, no sentido de que "estávamos temendo mais os ingleses mas os americanos acaba-

ram sendo a pedra no caminho".

Os ingleses, como se sabe, são credores relativamente modestos e praticam o jogo da ortodoxia — mais "pour épater" do que visando resultados concretos.

Os norte-americanos, por seu lado, pareceram ter carregado para Paris, no mês passado, algumas das divergências que separam o Tesouro, o Federal Reserve e o Departamento de Estado, entre outros, de forma que sua delegação teria procurado uma linha mais dura (afinal a reunião de negociação é esta que está acontecendo agora) para acomodar os interesses dos diversos órgãos da administração.

Ontem foi um dia de exposições e apresentação dos chamados protocolos básicos. Hoje o Brasil fará a apresentação formal de sua proposta. Não há hora definida para o final dos trabalhos, mas uma solução, qualquer que seja, deverá ser encontrada, mesmo que se trabalhe pela madrugada adentro. Amanhã já há um novo caso na agenda do Clube de Paris, o das Filipinas.